



A identificação com personagens fictícios como recurso terapêutico na abordagem centrada

Identification with fictional characters as a therapeutic resource in the Person-Centered

La identificación con caracteres ficciosos como recurso terapéutico en el Enfoque Centrado en la Persona

Raissa Moreira Moraes



Psicóloga pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Fábio Pinheiro Pacheco



Doutor em Psicologia Pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor do Curso de Psicologia Universidade Estadual do Ceará (UECE)

RESUMO

Este artigo discute a utilização de identificações com personagens fictícios como recurso terapêutico na clínica, sob a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Trata-se de um estudo teórico, ancorado em experiências de um estágio clínico realizado em um Serviço de Psicologia Aplicada, registradas por meio de narrativas compreensivas em textos sentidos. Discute-se os tipos de identificações que as pessoas estabelecem com personagens, as motivações por trás da identificação e como essas identificações podem servir no manejo terapêutico. Observou-se que, por meio de metáforas, inicialmente o cliente começa a abordar suas demandas, como externas a si, evitando ameaças a sua noção de eu. Como a identificação com personagens e o suporte das condições facilitadoras, o cliente vai percebendo que os enredos vividos pelos personagens são acolhidos e legitimados e, com isso, passa a abordar suas próprias demandas de modo mais direto, entrando em contato com suas experiências.

Palavras-chave: Identificação. Recurso terapêutico. Personagens. ACP.

ABSTRACT

This article discusses the use of identifications with fictional characters as a therapeutic resource in the clinic, from the perspective of the Person-Centered Approach (PCA). This is a theoretical study, anchored in experiences of a clinical internship carried out in an Applied Psychology Service, recorded through narratives in syntheses and meaning texts. Discussed the types of identifications people establish with characters, the motivations behind the identification and how these identifications can serve in therapeutic management. It was observed that, through metaphors, initially the client begins to approach his demands, as external to him, avoiding threats to his notion of self. As the identification with characters and the support of facilitating conditions, the client starts to realize that the plots lived by the characters are accepted and legitimized and, with this, starts to address their own demands in a more direct way, getting in touch with their experiences.

Keywords: Identification. Therapeutic Resource. Fictional Characters. PCA.

RESUMEM

Este artículo analiza el uso de identificaciones con personajes de ficción como recurso terapéutico en la clínica, desde la perspectiva del Enfoque Centrado en la Persona (ECP). Se trata de un estudio teórico, anclado en experiencias de un internado clínico realizado en un Servicio de Psicología Aplicada, registrado a través de narrativas en síntesis y textos de significado. Se discutieron los tipos de identificaciones que las personas establecen con los personajes, las motivaciones detrás de la identificación y cómo estas identificaciones pueden servir en el manejo terapéutico. Se observó que, a través de metáforas, inicialmente el cliente comienza a abordar sus demandas, como externas a él, evitando amenazas a su noción de sí mismo. A medida que la identificación con los personajes y el apoyo de las condiciones facilitadoras, el cliente comienza a darse cuenta de que las tramas vividas por los personajes son aceptadas y legitimadas y, con ello, comienza a atender sus propias demandas de una manera más directa, poniéndose en contacto con sus propios personajes. experiencias.

Palabras-clave: Identificación. Recurso terapéutico. Ficciosos Caracteres. ECP.

1 Introdução

As mais diversas formas de mídias estão presentes na vida de muitas pessoas, sendo comum conversar sobre filmes que estão em cartaz no cinema, livros que estão sendo lançados, músicas que tocam nas rádios ou são trilhas sonoras de novelas, entre várias outras formas de entretenimento. A consumação dessas diferentes formas de mídias é pessoal, uma vez que cada uma delas vai afetar indivíduos de formas diferentes. Isso se deve porque, normalmente, as pessoas são mais afetadas por aquilo que elas sentem que viveram em algum momento, algo que se relaciona às suas vivências pessoais (Gondim & Martins, 2008).

Gondim e Martins (2008) apontam que dar significado àquilo que se vê, ou aquilo que se lê, só acontece quando há associação com aquilo que se vive; assim, quando se pensa ou se reflete sobre aquilo que foi vivido, a experiência torna-se educativa e inteligente, engrandecendo o conhecimento próprio. Dessa forma, pode-se perceber momentos em que essas formas de mídias (séries, filmes, livros etc.) vão além do simples passatempo. Quando alguém assiste a um filme ou a uma série de televisão ou ao ler um livro, é comum os sentimentos de identificação e empatia surgirem (Appel & Richter, 2007).

A partir da experiência no estágio clínico em Psicologia, realizado no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), observou-se que alguns clientes utilizavam de personagens fictícios e características de mídias no geral para falarem de si mesmos. Com a percepção desse fenômeno, surgiram alguns questionamentos sobre como entender as repercussões do processo de identificação com personagens no processo terapêutico; e buscou-se embasá-las teoricamente dentro do referencial utilizado no estágio, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). No entanto, não foram encontradas produções científicas em bases de dados acadêmicas que enfocassem o assunto: processo de identificação com personagens fictícios e ACP; ou processo de identificação com personagens fictícios como um recurso terapêutico na ACP.

A Abordagem Centrada na Pessoa, criada por Carl Rogers, como diz o próprio nome, é centrada na pessoa com a qual o terapeuta se relaciona, significando que privilegia a experiência¹ subjetiva de tal pessoa. Rogers (1983) advoga que todo ser humano deve ser responsável, livre, espontâneo e consciente de sua liberdade, ou seja, livre para escolher quem ela vai ser e consciente das suas escolhas. Para justificar sua posição, afirma que “(...) todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento”, a qual chamou de tendência atualizante (Rogers & Kinget, 1977, p. 159). Mesmo que possa ser frustrada ou desvirtuada em alguns momentos, essa tendência não pode ser destruída sem destruir o organismo (Rogers, 1983; Rogers, 2009). Esta noção, por si só, reconhece a potencialidade do indivíduo para se autodirigir, compreendendo-o como ativo em seus processos de transformação, ou como aponta o autor:

Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a auto compreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras. (Rogers, 1983, p. 45).

¹ Na obra *Psicoterapia e Relações Humanas*, Rogers e Kinget (1977, p.161) definem experiência como “(...) tudo que se passa no organismo em qualquer momento e que está potencialmente disponível à consciência”, abrangendo acontecimentos que a pessoa pode ou não estar ciente - assim como pode ou não os simbolizar na consciência. Com o avanço dos estudos de Rogers e as contribuições de Eugene Gendlin (Rogers, 2009), essa formulação vai se transformando. No entanto, para este trabalho, essa definição é suficiente para as discussões.

Esse clima para mudança pode ser proporcionado pelo terapeuta ao, em sua atitude, expressar determinadas condições, consideradas suficientes e necessárias (Rogers, 1983), a saber, congruência, aceitação incondicional e empatia. A congruência é um estado de acordo interno por parte do terapeuta, pelo qual entende-se que, quanto mais o terapeuta experimentar ser ele mesmo na relação com o cliente, estar atento aos sentimentos vividos nessa relação, mais ele pode remover as barreiras profissionais e mais pode facilitar o processo do cliente, interagindo de pessoa para pessoa (Rogers, 2009).

A aceitação incondicional, ou o apreço positivo incondicional, direciona-se a tudo aquilo que a pessoa apresenta em sessão, aparecendo quando o terapeuta adota uma atitude positiva e acolhedora em relação ao que o cliente esteja sentindo ou demonstrando naquele momento, sem realizar juízos de valor ou impor condicionalidades às possibilidades do que a pessoa pode ser (Rogers, 1983; 2009). E, por último, a empatia diz respeito ao processo de o terapeuta captar aquilo que é sentido pelo outro e comunicar o que percebe, colocando-se no lugar do cliente a fim de compreender a situação “como se fosse o próprio cliente”, mas sempre atento que, ainda assim, a vivência é singular do indivíduo (Rogers, 1983; 2009).

Como uma abordagem não-diretiva, o terapeuta busca não liderar o processo, direcionando para questões que ele imagina ser importante, mas, sim, deixando o cliente ser o guia de seu próprio caminho na psicoterapia (Rogers & Kinget, 1977). Erroneamente, é comum apontar que a ACP se configura como uma abordagem em que o terapeuta é inativo, como se ele não participasse do processo. No entanto, como explicam Rogers & Kinget (1977), ao apontar que a função do terapeuta, ao ter uma postura de não julgar, interrogar ou tranquilizar, este participa ativamente na compreensão das respostas imediata do cliente, ampliando seu centro de referência².

Como dito anteriormente, durante atendimentos realizados no SPA da UECE, alguns clientes trouxeram relatos sobre personagens fictícios, muitas vezes se identificando com estes. As falas foram acolhidas e, ao mesmo tempo, os elementos presentes nos discursos foram utilizados como recursos de aproximação à experiência dos clientes. Uma cliente, por exemplo, abordou sobre sua identificação com a personagem do seriado britânico *Skins*, dizendo que, se fosse se definir em uma personagem, seria esta. Outro cliente trouxe diversas formas de mídias durante suas sessões, como a saga Harry Potter e o seriado As Aventuras Sombrias de Sabrina, utilizando as cenas dessas mídias para falar sobre si mesmo.

Nos encontros grupais de supervisão, percebeu-se ainda mais a recorrência de como os clientes atendidos pelos estagiários costumavam se identificar e relatar suas vivências a partir de personagens fictícios. Diante disso, tornou-se importante compreender como os processos de identificações com os personagens ocorriam e, principalmente, quais seriam as implicações dessas identificações no processo terapêutico.

Com efeito, observou-se que a referência a determinados personagens se tornava um recurso muito interessante para ser utilizado nas sessões de psicoterapia, principalmente por considerar que a arte expressa muito sobre os criadores e seus apreciadores. Assim, o processo de arte-personagem-identificação tornou-se uma forma de potencializar o manejo das condições facilitadoras (Rogers, 1983), auxiliando os clientes a verbalizar suas demandas. Diante disso, este trabalho tem por objetivo discutir o processo de identificação com personagens fictícios como recurso terapêutico na Abordagem Centrada na Pessoa.

² Rogers & Kinget (1977) compreendem “centro de referência” como ponto de avaliação do sujeito. Quando o centro de referência é externo, a compreensão dos fenômenos vividos se dá de modo externo ao indivíduo; quando esse centro de referência é interno, se coloca em evidência a própria forma como o indivíduo sente, pensa e age diante de determinado fenômeno, sendo a própria pessoa a base de avaliação.

2 Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo teórico, ancorado no relato de experiência de um estágio clínico realizado no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O estágio ocorreu durante os anos de 2018 e 2019, totalizando três semestres de acompanhamento a clientes usuários do serviço. Considerando essa experiência, lembrou-se que, nos livros do Rogers, é comum o autor relatar situações vividas nos processos terapêuticos que acompanhou e, a partir disso, desenvolver fundamentos para a sua abordagem. Tendo isso em vista, no decorrer da experiência da estagiária, foram escritos textos em Versão de Sentido (Amatuzzi, 2019; Vieira, Bezerra, Pinheiro & Branco, 2018) que, além de registrar os conteúdos das sessões, ajudaram a compreender o fenômeno de identificação de clientes com personagens fictícios.

A escrita desses textos em versão de sentido e a construção de conhecimentos a partir deles pautaram-se nas narrativas compreensivas. Conforme apontam Brisola, Cury e Davidson (2017), inspiradas na teoria rogeriana, as narrativas compreensivas permitem que o pesquisador se posicione quando acontece determinada situação e fale sobre os impactos que aquele momento lhe causou. Nesse caso, participante e pesquisador são sujeitos da pesquisa, porque a partir da abertura para a experiência do outro, a experiência de uma pessoa pode virar a experiência de uma outra também. Com isso, a síntese narrativa representa um aprofundamento das experiências vividas como um todo, possibilitando que pesquisador veja a produção de conhecimento sobre uma nova luz (Brisola, Cury & Davidson, 2017). Assim, os textos em versão de sentidos (Amatuzzi, 2019; Vieira, Bezerra, Pinheiro & Branco, 2018 das sessões com os clientes, atrelados às narrativas compreensivas (Brisola, Cury & Davidson, 2007), contribuíram ao possibilitar que neles fossem transcritos sentimentos, questões pessoais e observações relacionadas ao que foi dito pelos clientes, de forma aberta e experiencial, gerando debate nas supervisões grupais, com o auxílio do professor supervisor de estágio.

Para desenvolver esse estudo, todos os textos em versão de sentido foram lidos e, guiando-se pelo objetivo desse trabalho, foram sistematizadas três categorias principais de discussão, a saber, I) A identificação com personagens fictícios; II) O processo terapêutico a partir da Identificação com personagens fictícios; e III) Momentos de identificação e manejo terapêutico. Para o aprofundamento dessas categorias, utilizou-se da literatura clássica da Abordagem Centrada na Pessoa, em especial, as obras publicadas pelo próprio Carl Rogers.

Ressalta-se, por fim, que não serão aprofundados os casos dos clientes. Mesmo com a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e do Consentimento para o uso de informações em contexto de pesquisa, somente são feitas referências a determinados momentos que os clientes utilizaram personagens fictícios para falar sobre si mesmos. Com efeito, consoante com Brisola, Cury e Davidson (2017), ao escrever os relatos, entende-se que o foco está nas experiências e seus significados, não nos fatos. Portanto, as narrativas aqui apresentadas privilegiam o valor experiencial para o delineamento das discussões.

3 A identificação com personagens fictícios

Hall (2006) afirma que, antigamente, as pessoas possuíam identidades mais fechadas, estando mais atreladas às identidades culturais. Com a modernidade e a globalização, a ideia de identidade foi sendo transformada, ficando mais fragmentada e/ou variada. Assim, pessoas passaram a possuir não apenas uma identidade, mas diversas identidades - muitas vezes, podendo ser contraditórias. Para o autor, a identidade

muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado; e a identificação não é automática, mas pode ser adquirida ou perdida. Assim, o processo de identificação ficou mais difícil, uma vez que: com tantas identidades existentes, qual identidade a pessoa irá buscar se identificar? Questionamentos que se colocam, principalmente, considerando quantas influências existem em todos os contextos sociais, históricos e culturais.

Considerando essas influências e a identificação com personagens, Oliver, Kim e Sanders (2011) apresentaram diversos motivos pelos quais as pessoas podem se voltar para séries e filmes, entre eles estão passatempo, hábito, relaxamento, informação, companheiros, escapismo, entre outros. Com isso, os autores buscaram entender como a personalidade das pessoas são influenciadas pelas mídias consumidas. Compreenderam que uma pessoa mais sensível pode reagir a um filme triste com mais empatia, enquanto uma pessoa mais fechada emocionalmente pode demonstrar tédio ou distância; uma pessoa mais rebelde pode demonstrar interesse e animação assistindo um filme de terror, enquanto uma mais sensível pode demonstrar nojo e medo (Oliver, Kim & Sanders, 2011).

Sobre as reações que as mídias podem causar nos telespectadores, Igartua (2009) aponta que o humor e as emoções são as mais afetadas pela mídia de entretenimento, sendo a identificação com os personagens um dos maiores motivos para essa resposta emocional à ficção, porque, nesse processo, a pessoa se coloca no lugar da personagem e, assim, “divide” uma emoção. Cohen (2001) sugeriu que a empatia é um grande componente para ter essa identificação, dessa forma, o telespectador fica mais sujeito a receber as mensagens transmitidas pelas mídias.

Para Hall (2001), a influência dos produtos midiáticos nos espectadores tem base em dois processos, a codificação e a decodificação. Para ele, codificação é o processo pelo qual os criadores do produto colocam, intencionalmente ou não, um significado; e decodificação é o processo pelo qual os consumidores dessas mídias passam quando interpretam esse significado. Salienta-se que nem sempre os decodificadores atribuem o mesmo significado ao produto; assim, pode-se notar que o dar significado a uma mídia é algo exatamente pessoal, que se baseia muito no histórico de vida dessa pessoa (Hall, 2001). Desse modo, pessoas podem assistir a mesma série por diferentes motivos: alguns podem assistir apenas por assistir, para passar o tempo; outras podem assistir realmente investindo emocionalmente nessa série, a ponto de querer copiar alguns personagens; e outros podem assistir por interesse na trama, não nos personagens em si. Isso significa que uma série de televisão pode ser extremamente popular, ter vários telespectadores, mas não significa que todos esses telespectadores estão se conectando a história da mesma forma, ou que todos eles estão se conectando (Russell, Norman & Heckler, 2004).

A partir da vivência de pessoas com as mídias, observa-se a possibilidade de compreender a forma como elas se enxergam durante o processo terapêutico, utilizando disso, inclusive, como ferramenta para elas a ampliação da compreensão de seu *self*. Nesta direção, Russell, Norman e Heckler (2004) apontam a existência de conexões estabelecidas entre pessoas e séries de televisão: algumas pessoas chegam a falar que determinadas séries são “delas”, por representar aspectos de suas vidas; outras conexões sobre como determinados personagens parecem representar aspectos pessoais semelhantes a elas mesmas ou a pessoas que elas conhecem; ou ainda contribuir na conexão entre pessoas que assistem a mesma série.

Russell e Puto (1999), inicialmente, introduziram a *connectedness* como um constructo multidimensional que captura a extensão em que um programa de televisão influencia os aspectos pessoal e social da vida do telespectador. Nesse constructo, o telespectador é extremamente conectado com o programa de televisão, podendo ficar de mau humor por perder um episódio, ou ter o seu humor melhorado por assistir esse programa. Quanto ao relacionamento com os personagens, esse vai além do “eu nunca perco um episódio

dessa série porque eu gosto desse personagem” e é caracterizado pela influência que esse personagem do programa tem na cognição, na atitude e no comportamento dessa pessoa. Alguns podem adotar gestos, expressões faciais ou características vocais de personagens de séries, podem também tentar se vestir igual ou ter o mesmo corte de cabelo. Os autores também apontam que a relação que se forma entre pessoas que assistem a mesma série pode formar alguma comunidade, um fã clube, seja um grupo formal ou informal, o que pode ajudar na criação de vínculos com outros (Russell & Puto, 1999).

Perse e Rubin (1990) abordam que o relacionamento de uma pessoa com determinado personagem se parece com o relacionamento dessa pessoa com pessoas reais, pois essas relações ficcionais vão além da televisão e viram fonte de identificação, comparação social e até inspiração. Assim, começa o questionamento: Como essa identificação pode influenciar a vida dessa pessoa? E como isso pode ser utilizado como um recurso para a terapia na ACP?

Nos processos terapêuticos realizados, observou-se que, ao falar de identificação com personagens fictícios, a pessoa pode estar mais propensa a se identificar com aquilo que faz parte da sua noção de *Eu*³. Ou seja, expressa pontos que acredita estarem próximos daquilo como ela se enxerga.

Rogers (2009) aponta que o que existe de mais pessoal é também o mais geral. Às vezes, ao escrever suas experiências pessoais, sentia como se ninguém mais fosse lhe compreender, que apenas ele sentia ou passava por aquilo. No entanto, percebeu o contrário, que muitas pessoas, ao lerem ou ouvirem seus relatos pessoais, se identificavam com ele. Ao falar dessa experiência, Rogers teve uma maior compreensão dos artistas e dos poetas que exprimem em suas artes aquilo de mais pessoal (Rogers, 2009). Neste ponto, vemos a abertura da ACP para a compreensão do processo de identificação a partir da utilização da arte - ou seja, podemos entender a relação do cliente com personagens fictícios, enquanto criações artísticas, como uma forma de aproximação e revelação das vivências pessoais dos clientes, expressando, assim, características do seu *Eu*.

4 O processo terapêutico a partir da identificação com personagens fictícios

Levando em consideração tudo que foi dito, é interessante perceber como a identificação com personagens fictícios pode acontecer durante esse processo terapêutico e como pode ser utilizado no manejo das condições facilitadoras. Para isso, inicia-se essa discussão a partir de perguntas que foram aparecendo durante as supervisões grupais: Essa identificação é algo que pode ajudar o cliente a se expressar mais abertamente? Como se pode usar essas identificações para ampliar o contato que o cliente tem com a sua própria experiência?

Encontrou-se em Natalie Rogers (2003), bastante ativa na utilização de arteterapia na Abordagem Centrada na Pessoa, uma explicação necessária para iniciar o aprofundamento desses questionamentos. Para a autora, a utilização da arte pode ajudar a dar fala àquilo que não consegue ser mais expresso por palavras. Desse modo, falar por meio de mídias pode ajudar o cliente. Para ela, a utilização dessas formas de artes expressivas faz parte de um avanço natural da Abordagem Centrada na Pessoa, em que as artes expressivas são o meio para aproximar-se do medo, da vergonha, da culpa e do nojo, inconscientes e não expressados, que frequentemente se prendem a um padrão de silêncio (N. Rogers, 2003).

³ Rogers e Kinget (1977, p.165) definem como uma “(...) configuração experiencial composta de percepções relativas ao ‘eu’, as relações do ‘eu’ com o outro, com o meio e com a vida, em geral, assim como os valores que o indivíduo atribui a estas diversas percepções”.

Importante perceber que, muitas vezes, o cliente pode chegar na terapia não completamente preparado para lidar com algumas questões. Ao delinear os estágios do processo terapêutico, Rogers (2009) aponta que é comum, nos primeiros encontros da terapia, os clientes verem seus problemas como algo externo, abordando os assuntos quase como se não fossem pertencentes a eles. Diante disso, tem-se no relato sobre personagens fictícios ou alguma outra expressão artística, uma forma de o cliente entrar em contato com questões pessoais de uma forma indireta, menos ameaçadora a sua noção de Eu. Ou seja, aparentemente, essa seria uma referência externa para o cliente, não configurando, diretamente, uma ameaça⁴ à forma como o cliente se vê (Rogers & Kinget, 1977). Sabendo que a ACP preza pela aceitação incondicional (Rogers, 1983), o cliente pode se sentir aceito ao falar sobre suas identificações, e cada vez mais passa a se expressar abertamente.

Considerando Russell e Puto (1999), há algumas identificações que podem ser exauridas sobre uma pessoa, de forma que essa pessoa demonstre aproximação ou identificação em diversas partes de sua vida de uma forma excessiva. Assim, algumas pessoas podem sofrer alguma forma de *bullying* ou receber comentários negativos sobre algo, mas em um ambiente em que existe consideração positiva e empatia, tal como proporciona a relação na terapia rogeriana (Rogers, 1983; 2009), o cliente pode se sentir mais confortável em falar sobre essas identificações, pois percebe que não vai receber alguma avaliação negativa. O terapeuta vai apenas responder empaticamente àquilo que vem do cliente, acompanhando o fluxo da conversação, pois é o cliente quem traz o que quer trabalhar durante a sessão.

Nesta direção, Bowen (1987) compara a figura do terapeuta a um Guia Sherpa, no sentido de que o terapeuta é alguém que conhece o caminho, ajuda a pessoa a trilhar certo percurso e carregará o fardo, se for necessário; no entanto, deixa evidente que quem está definindo a rota é o cliente, quem está no controle do seu próprio caminho é a própria pessoa. Dessa forma, o cliente vai estar livre para trabalhar aquilo que ele sente como importante no momento, podendo trazer questões relacionadas a personagens, séries, mídias, etc.; e, a partir disso, aproximar-se da noção que o cliente tem de si (Rogers & Kinget, 1977; Rogers, 1992): ao falar abertamente sobre como enxerga determinados personagens, o que acha que tem de semelhante ou parecido com as suas próprias formas de sentir, pensar e agir; e isso já é um dado experiencial possível de manejar no processo terapêutico.

Aqui, cabe uma reflexão sobre o uso de técnicas na ACP. A posição tradicional da abordagem é de oposição em relação ao uso de técnicas, por muitas vezes estas interferirem na liberdade do cliente e levar o terapeuta a adotar uma conduta mais diretiva, distanciando-se do centro de referência do cliente (Rogers & Kinget, 1977; Bozarth, 2001). Como aponta Bozarth (2001), os recursos na ACP não são muito utilizados, porque, muitas vezes, as técnicas buscam agir em cima de um problema, enquanto a ACP busca entender o cliente em sua totalidade, além de sintomas ou problemas.

Quanto ao aspecto da não-diretividade, Bowen (1987, p.92) salienta que “(...) o medo da diretividade desenvolveu-se como se fosse uma maldição”. Com isso, a autora acredita que, muitas vezes, o estar sob a noção de não-diretividade pode ser uma forma de o terapeuta encobrir a sua passividade, tirando o corpo fora para evitar o medo do erro, não engajando-se em um nível real na experiência, de pessoa para pessoa. Bowen (1987) advoga que o que é importante é que o terapeuta “(...) não esteja apegado à estrutura e tenha condições de abandoná-la ou modificá-la, de acordo com as necessidades do cliente e do grupo” (Bowen, 1987, p.94).

⁴ Experiências que não estão de acordo com a noção de eu que a pessoa tem de si vão se configurar como ameaçadoras, podendo gerar ansiedades e angústias. Nesse caso, muitas vezes, a pessoa acaba por distorcer ou negar a experiência como forma de defesa - e assim a experiência não é simbolizada ou simbolizada incorretamente (Rogers & Kinget, 1977).

Desse modo, é possível considerar que as técnicas, por si só, não são problemáticas, mas o modo como elas são utilizadas no processo terapêutico e o grau de importância que são dadas a elas podem ser prejudiciais. Assim, quando recursos terapêuticos não são utilizados como imposições do terapeuta sobre o cliente, nem considerados como técnicas determinantes sobre a percepção do cliente, eles podem contribuir para manejar as condições facilitadoras (Bozarth, 2001). Bozarth (2001) aponta algumas características quanto à possibilidade do uso de técnicas, destacando que elas devem ser emergentes do processo e não preconcebidas, respeitando os contextos de I) solicitação pelo próprio cliente; II) o cenário em que surge a possibilidade de utilização delas; e o III) enfatizar sempre o mundo experiencial do cliente. Para o autor, “(...) a menos que sejam emergentes da amálgama terapeuta e cliente, as técnicas interferem com atenção do terapeuta ao mundo do cliente” (Bozarth, 2001, p.193).

Tendo isso em vista, pontua-se que a identificação com personagens fictícios e a utilização desses no processo terapêutico não configura como uma técnica estruturada, mas como uma forma de manejar as percepções, valores, ideias, sentimentos, etc., que o cliente tem sobre os personagens e as relações que fazem destes consigo mesmo. Com efeito, acompanhar empaticamente o relato de um cliente sobre a história de um personagem é também aproximar do campo experiencial do cliente, de seu centro de referência, buscando empaticamente responder ao seu relato.

Com o auxílio das supervisões, percebeu-se que o manejo dessas situações poderia ser organizado em cinco pontos, embora não ocorressem exatamente nessa mesma ordem. Às vezes, alguns clientes passavam sessões em determinados pontos e, em outras, voltavam para pontos anteriores ou pulavam os pontos seguintes. O importante era respeitar o ritmo do contato com as histórias, para não transformar os relatos em conteúdos ameaçadores à noção eu. A seguir, tem-se uma breve estruturação dos pontos observados nos atendimentos:

I) *O Cliente fala sobre uma personagem ou situação de um filme, série, livro etc.* Respeitando a liberdade do cliente, evitava-se que a terapeuta levasse *a priori* uma personagem específica para a sessão, aguardando o movimento espontâneo dos clientes em trazer tais relatos. Em alguns momentos, a terapeuta falava sobre uma personagem que lembrava algum aspecto relacionado ao que o cliente estava abordando, desde que esse momento representasse uma busca por “Encontrar a palavra, a frase, a metáfora que corresponde exatamente ao significado do sentimento interno do momento (...)”, com a intenção de ajudar “(...) o cliente a vivenciar o sentimento mais completamente” (Rogers, 1987, p.77).

II) *O Terapeuta empaticamente acompanha o relato, buscando aprofundar na percepção que o cliente tem sobre a personagem.* Neste ponto, assim como no anterior, percebeu-se que os clientes pouco faziam referência às suas próprias vivências. Até relatavam sobre a identificação que tinham com a história ou com a personagem, porém não aprofundavam na experiência pessoal - como era afetado pela história/personagem.

III) *Busca-se aproximar “o mundo existencial” da personagem ao centro de referência do cliente, incentivando que o cliente relate como ele vivenciaria e lidaria com as situações vividas pelo personagem.*

IV) *Inversamente ao ponto anterior, busca-se imaginar, juntamente com o cliente, como o personagem viveria situações reais da vida do cliente.* Assim como no ponto anterior, respeita-se o ritmo dos clientes, para não transformar a conversação em algum tipo de avaliação, ameaça ou imposição.

V) *Por fim, discute-se quais características eram semelhantes e/ou divergentes entre as histórias da personagem e a do cliente.* Neste ponto, busca-se integrar e simbolizar à noção de Eu as determinadas experiências do cliente. Tornou-se fundamental sempre ter atenção para não criar ideias de “se com o personagem é assim, comigo também é”, para não engessar o fluxo de experiência e a possibilidade de transformação do cliente.

Considerando as experiências nos atendimentos, acredita-se que a utilização da identificação com personagens fictícios, assim como a arte de modo geral, possibilita apreensão, síntese e expressão de experiências confusas e/ou não delineadas. Além de que, ao falar inicialmente de terceiros, evita-se que o cliente sinta-se ameaçado pelo conteúdo abordado, possibilitando que ele não desista do processo terapêutico - muito comum, principalmente, em pessoas que se encontram nos primeiros estágios do processo terapêutico, conforme descrito por Rogers (2009), estágios marcados por rigidez e distanciamento da experiência - e, conseqüentemente, experimente o clima proporcionado pelas condições facilitadoras, até sentir-se seguro para avançar como o próprio personagem e autor de suas histórias.

5 Momentos de identificação e manejo terapêutico

Há vários fatores que podem influenciar a identificação: idade, grupo, profissão, status de relacionamento, entre outros (Russell & Puto, 1999). Russell e Puto (1999) observaram que uma mulher gostava da série de televisão *Party of Five* porque, assim como ela, os personagens faziam parte de “famílias desestruturadas”; já para um grupo de fãs da série de televisão *Barrados no Baile*, eles gostavam da série porque sentiam que cresciam com o elenco, assim como também se identificavam com o fato dos personagens lidarem com fatos do dia a dia semelhante a realidade dos jovens da época, como racismo, morte, drogas etc. Muitas identificações podem ser também uma projeção para o futuro, alguns shows podem ensinar a como lidar com possíveis situações futuras, se existir uma identificação com algum personagem (Russell & Puto, 1999).

Durante os atendimentos no estágio, alguns clientes utilizaram de personagens para falar sobre si. Uma cliente, cujo nome fictício aqui será Karla (15 anos) relatou que, se fosse para se definir em uma personagem, ela seria Effy Stonem, uma personagem de um seriado britânico chamando *Skins*⁵. A partir das observações da série e da cliente, foram surgindo algumas familiaridades na forma de se vestir entre a personagem e a cliente, assim como também de alguns comportamentos que, no caso da cliente, são comportamentos que ela gostaria de ter.

A personagem em questão sofre de depressão, possui problemas familiares, dificuldades em se relacionar, faz abuso de álcool e outras drogas ilícitas e se veste de preto. No caso de Karla, ela relatava que sentia dificuldades em poder ser ela mesma, sentia-se presa por causa da família rígida e da escola religiosa que frequentava; além dos problemas de ansiedade e depressão. Ela também se identificava como uma pessoa eclética, que gostava de várias coisas diferentes, como músicas de vários gêneros, e que as pessoas estranhavam isso porque não era o considerado normal.

Nesse caso, observa-se o que Rogers (2009) chama de incongruência, quando o organismo nega à consciência experiências sensoriais, viscerais e simbólicas significativas. Dessa forma, essas experiências não são simbolizadas e organizadas pela estrutura do *eu*; com isso, surge uma tensão que não é reconhecida pelo indivíduo, causando ansiedade e sentimento de não ter certeza sobre quem realmente se é – ou seja, há uma divergência entre o que as pessoas-critério querem que o indivíduo seja e o que, de fato, ele está experienciando (Rogers & Kinget, 1977; Rogers, 1992). Assim, existia uma vontade desse Eu de ser algo que era reprimido por terceiros. Pode-se perceber em Karla que existe, então, uma identificação com um futuro, aquilo que a pessoa quer ser, algo comum, bem ligado a uma vontade de ter a liberdade que a personagem aparentava ter (Russell & Puto, 1999).

⁵ *Skins* foi uma série britânica que estreou em 2007, a série buscava explorar e contar a história de adolescentes britânicos, abordando temas polêmicos como uso de drogas, sexualidade, gravidez na adolescência e transtornos alimentares.

Importante pontuar que Karla usava mais a personagem para explicar a si mesma, suas questões com a depressão e com a ansiedade, a dificuldade em construir relacionamentos românticos duradouros e a vontade de ter a liberdade que a personagem tinha. Essa identificação ajudou a cliente a ir atrás de sua liberdade, de forma que a cliente estava constantemente procurando emprego para poder comprar o que queria, poder viver sozinha e se vestir como desejava. A partir dessa identificação, Karla buscava explicar a si mesma, de forma que os outros pudessem entender, porque parecia que muitos não entendiam ela da forma que ela gostaria, por ela não se encaixar em apenas um grupo.

Outro cliente, nome fictício de Victor (24 anos), também utilizou muito de mídias durante suas sessões, ao narrar sobre a série *O Mundo Sombrio de Sabrina*⁶. O cliente relatou enxergar muito o seu relacionamento com o pai na relação entre o personagem Harvey Kinkle e seu pai, caracterizada pela hostilidade, em que o filho quer ser um artista e desenhar, mas o pai quer que ele trabalhe em minas de carvão. Nesse caso, o próprio cliente sofria por querer ser alguma coisa diferente do que o pai queria, foi uma forma que ele encontrou de falar sobre esse assunto, pois possuía dificuldades em expressar o que sentia.

Victor, em outras sessões, ao falar sobre a experiência com um jogo de celular, que busca simular sua experiência na escola de magia Hogwarts da série de livros *Harry Potter*⁷, escrita por J.K Rowling, explicou que se sentia pertencente à Casa Lufa-lufa de Hogwarts, mas que adoraria visitar o salão da Corvinal porque imaginava que a arquitetura fosse magnífica. Quando questionado se sentia que pertencia verdadeiramente à Casa Lufa-lufa, o cliente relatou que se achava mesmo integrante dela, pois achava que não conseguiria fazer parte da Casa Corvinal, uma vez que, para entrar no dormitório desta, tem que responder a um enigma todo dia e ele não se sentia capaz. Ademais, achava que as características da Casa Lufa-lufa eram condizentes com ele.

A Lufa-lufa é uma casa caracterizada por ter alunos trabalhadores, leais e bondosos, enquanto a Corvinal é caracterizada por ter alunos inteligentes, criativos e sábios (Rowling, 2000). Ao falar dessas questões, o cliente discorreu sobre características de si sem exatamente falar sobre elas de uma forma direta. Percebe-se na fala dele uma aceitação em ser Lufa-Lufa porque ele diz: “O Pottermore me colocou lá, então faz sentido” (sic). Mas, ao mesmo tempo, tem uma curiosidade pela outra casa, pois vê como algo que ele não conseguiria ser parte. Pautando-se em Rogers (2009), percebe-se que o cliente parece guiar-se pelas condições de valia⁸ que terceiros jogam sobre ele (pessoas-critério⁹), mas ao mesmo tempo existe uma

⁶ *O Mundo Sombrio de Sabrina* é uma série de televisão americana de terror sobrenatural desenvolvida por Roberto Aguirre-Sacasa para a Netflix, sendo baseada na série de histórias em quadrinhos de mesmo nome. A série conta a história de uma adolescente chamada Sabrina Spellman, que é metade bruxa e metade mortal, em que ela busca conciliar essas duas realidades enquanto combate com as forças do mal.

⁷ *Harry Potter* é uma série de livros escrita por J.K Rowling. A série de livros consiste em sete livros que contam a história de Harry Potter, um menino que soube em seu aniversário de onze anos que é filho órfão de dois bruxos e possui poderes mágicos únicos. A história acompanha as aventuras de Harry enquanto ele descobre mais sobre seu passado, frequenta a escola de magia de Hogwarts e luta contra as forças do mal.

⁸ As condições de valia se desenvolvem a partir do envolvimento do indivíduo com pessoas-critério, no momento em que estas avaliam e julgam seletivamente aspectos positivos ou negativos no comportamento e atitudes do indivíduo. Com isso, o indivíduo passa a atribuir “(...) um valor positivo ou negativo aos diversos elementos de sua experiência, levando em consideração, não o seu efeito favorável e desfavorável no que se refere à sua atualização, mas se baseando na escala de valores de outros indivíduos” (Rogers & Kinget, 1977, p.177).

⁹ Pessoas-critérios são aquelas que representam um grau de importância ou de relevância na vida do indivíduo, muitas vezes sendo eleitas como pessoas que podem definir padrões de valores e comportamentos a serem adotados pelo indivíduo. A partir da avaliação condicional, o indivíduo sente que, se não seguir as condições valorativas das pessoas-critério, ele não terá atendida suas necessidades de afeto, de consideração positiva (Rogers & Kinget, 1977).

vontade nele de ser algo a mais, algo que ele acha que não seria apto a ser, trazendo assim um sofrimento não tão aparente (o que traz à tona algumas angústias). No caso de Victor, suas demandas eram de se sentir como um coadjuvante na sua própria vida, não acreditando que pode viver a vida que quer, e isso refletia muito nas suas escolhas.

Rogers (1987) explica um pouco sobre a busca da palavra certa, da metáfora certa para se expressar. Nesses casos, os clientes utilizaram metaforicamente os personagens fictícios para expressarem algo, falarem sobre si, de uma forma não direta. Conforme Ricœur (1982), a metáfora é algo positivo, ela não é um enigma, mas sim, a solução do enigma. Ao se utilizar de metáforas, o cliente pode ter uma facilidade maior de entrar em contato com questões mais sensíveis.

Também sobre metáforas, Rud (2004) explica que elas são formas de abreviação de explicações, permitindo brincar com os significados que poderiam estar contidos nela, sair do mais concreto e abordar algo mais figurado. O autor considera a utilização de metáforas como algo extremamente importante para a terapia, uma que vez permite: I) uma abertura do campo experiencial com o máximo de liberdade e autonomia; II) um envolvimento do cliente para apropriar-se do significado que ele quer; III) respeito à complexidade, à ambiguidade e à multiformidade do fluxo da situação de vínculo; IV) uma facilitação do uso, pelo terapeuta, de um discurso descritivo, não influente, não acadêmico e não adjetivo; e V) um afastamento da sessão do plano racional, onde geralmente é alojada ou tende a ficar (Rud, 2004).

Com efeito, a metáfora pode ser de grande ajuda durante os atendimentos. E a identificação com personagens fictícios é uma forma de metáfora, usando situações exteriores vividas por terceiros para ajudar no contato e na simbolização de experiências singulares dos clientes. Assim, essas identificações são de extrema importância como recursos na terapia, contribuindo para a aproximação e expressão do eu dos clientes. O manejo clínico a partir de paralelos com personagens pode potencializar a congruência do cliente, uma vez que ele passa a entrar em contato com experiências, por vezes distorcidas, a partir do relato de personagens (protegendo, em primeiro momento, seu self de um contato muito dolorido que ainda julga não sustentar).

No caso de Victor, foi muito comum em suas primeiras sessões, trazer questões mais externas, sem exatamente entrar em contato com suas demandas. Após várias sessões, foi que ele trouxe suas demandas de uma forma mais direta. A utilização das histórias dos personagens citados por ele contribuiu para que percebesse que, ao sentir que as histórias de seus personagens preferidos eram respeitadas e experiencialmente legítimas, pudesse também falar sobre as próprias, sendo respeitado e acolhido.

Durante outros atendimentos, Victor relatou que percebia que “aumentava” a sua realidade, imaginando que o que estava lhe acontecia era mais emocionante do que realmente vivia. No mesmo momento, a terapeuta-estagiária lembrou de uma personagem de uma série e, pelo paciente já ter levado personagens fictícios antes, ela se sentiu confortável de perguntar se Victor já tinha visto a série. Quando ele afirmou que tinha visto, a terapeuta compartilhou que sentia uma proximidade entre a forma como Victor enxergava o mundo e a da personagem Anne Shirley, da série *Anne with an E*, uma personagem que possui grande imaginação, sempre aumentando a sua realidade, para ser mais emocionante. Ele relatou que parecia mesmo e que se identificava com ela em algumas coisas, mas que diferente dela, ele não conseguia ser protagonista da vida, enquanto ela conseguia.

Com essa situação, pontua-se que o próprio terapeuta pode trazer metáforas e imagens que lhe vem à cabeça durante o processo. Bowen (1987), por exemplo, utilizou de metáforas durante seus atendimentos almejando uma imediata reintegração da experiência e da percepção de seus clientes. Bowen (1987) chamou esse manejo de impressões integrativas, considerando-as como respostas empáticas - que se manifestam por meio de metáforas, fantasias, intuições, ideias súbitas, sonhos, etc., - que permitiam o terapeuta e o cliente perceberem as coisas por uma nova perspectiva, reorganizando e reordenando experiências fragmentadas em novos modelos, que os orientavam para um nível de maior coerência, simplicidade e consciência. Um

exemplo disso foi durante um atendimento no qual, baseada na fala do cliente, ela o comparou com o Bambu.

Nessa situação, Bowen (1987, p. 116) disse para seu cliente: “Eu estou tendo a imagem de um bambu movimentado pelo vento em direções diferentes”. O cliente interrompe a fala da terapeuta e completa: “Exatamente... Com a diferença de que o bambu tem suas raízes, e me sinto como se eu estivesse arrancado do chão completamente”. Bowen (1987) explica que os rogerianos, normalmente, não dão direções ou sugestões. No entanto, em determinados momentos, por seu envolvimento interno e experiencial com o cliente, expressa sutilmente como uma comparação parece apresentar a direção do processo terapêutico.

Nesse caso, considerando que séries e personagens já eram algo que foi trazido pelo cliente, a colocação foi pertinente. A identificação com a personagem ajudou o cliente a melhor relatar suas questões e explanar melhor também o que ele estava sentindo, e o que ele estava querendo dizer sobre “não ser protagonista”. No caso de Victor, ele tinha que aumentar sua realidade porque não sentia que sua vida era excitante, assim como a personagem da série fez; no entanto, ele pontuou que a personagem conseguiu ser protagonista da sua história, enquanto ele se sentia como coadjuvante. Considerando que ele não estava satisfeito com sua realidade, as identificações o ajudavam a imaginar como ele seria caso estivesse vivendo determinada situação, ao mesmo tempo que acabava impedindo-o de lidar com os problemas da realidade, porque, ao invés de enfrentar os aspectos da sua vida que o deixavam descontentes, Victor buscava esperar que os problemas fossem resolvidos, preferindo ficar em um mundo imaginário.

Para que o processo se direcione por um movimento mais construtivo, o cliente precisa estar em um ambiente confortável, se sentir completamente aceito, pois isso facilita para ele entrar em contato com sua criatividade, assim, possuir novas reações às situações e buscar sempre um crescimento, uma aprendizagem (Rogers, 2009). A identificação com personagens pode ser algo que ajuda esse cliente a se perceber melhor, a ver suas questões que necessitam ser melhoradas, ao mesmo tempo em que pode ajudar a ver um ideal de ser, algo a ser alcançado.

Pela utilização de metáforas, conforme Rud (2004), há uma maior liberdade e maior precisão para alcançar o significado mais específico do que o cliente quer dizer. O importante nas falas de identificações com personagens é acolher aquilo que está sendo dito pelo cliente. Muitas vezes, o terapeuta pode não conhecer a personagem ou a mídia que o cliente está falando sobre, mas só o ato de dar esse espaço para o cliente relatar suas identificações é importante.

Assim, percebe-se que a identificação com personagens fictícios é muito importante no início do processo, quando os clientes não conseguem falar diretamente sobre si, então usam os personagens para tirar o foco do próprio eu. Outro estagiário, por exemplo, acompanhava um cliente adulto, nome fictício Léo, e, nas primeiras sessões, observou que Léo pouco falava; no entanto, sempre parecia inquieto. O estagiário percebeu também que o cliente costumava vestir blusas com personagens de animes.

Em uma determinada supervisão, o professor orientou que, nas sessões seguintes, o estagiário preparasse um jogo de *Role Playing Game* (RPG) e deixasse disponível na sala de atendimento. Quando o cliente chegou para a sessão, avistou o jogo e começou a falar sobre. Em conjunto, terapeuta e cliente passaram a jogar RPG, construindo personagens e enredos. Nesse processo, Léo pôde falar sobre habilidades e virtudes que admirava, pontos fracos que poderiam ser transformados, etc. em seus personagens. Com o andamento das sessões, o cliente foi deixando o RPG de lado para falar mais abertamente sobre suas próprias habilidades, ideias e pontos fracos.

Pensando assim, uma pessoa que se utiliza de personagens fictícios para falar sobre sua demanda, pode não estar exatamente aberta à experiência de forma real, fazendo com que a própria experiência de entrar em contato com a arte esteja distorcida, pois não consegue entrar em contato com o que é seu; entrando em contato com o que é do personagem, distancia-se do problema em um nível consciente (Rogers, 2009). No entanto, conforme o processo vai progredindo, e ele vai percebendo o clima do processo terapêutico, o próprio cliente vai abandonando o uso dos personagens e fazendo referências a sua própria

vida. Utilizando-se da identificação como recurso, o cliente, com o tempo, passa a enxergar o sentido que atribui aos personagens e aos enredos de suas vidas como algo que é seu. Aquilo que é do personagem, ele percebe que “pega emprestado” para falar de si, aproximando-o de seu centro de referência.

Com base nos atendimentos realizados, algumas mudanças aconteceram nesse sentido. No caso de Karla, ela trouxe a personagem como uma forma de melhor explicar a si mesma, mas com o passar das sessões, ela trouxe questões sobre si mais diretamente, demonstrando aquilo que a diferenciava da personagem, buscando melhor se autoafirmar e se aceitar. No caso de Victor, foi relevante observar como as identificações serviram para ampliar seus pontos de referências. O cliente possuía uma elevada resistência inicial, não falava muito de questões pessoais, apenas sobre personagens. Com a aceitação desse conteúdo, que *a priori* pudesse parecer “banal” ou “aleatório”, o cliente conseguiu se sentir mais confortável para falar sobre si de modo mais direto e aberto, abordando questões pessoais que ele precisava enfrentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação com personagens pode ser de extrema ajuda para o manejo das condições facilitadoras no processo terapêutico orientado pela Abordagem Centrada na Pessoa. Conforme as experiências aqui relatadas, os clientes que abordavam histórias de personagens possuíam uma resistência inicial para falar sobre si, ou falavam de situações mais superficiais. Com o manejo terapêutico em cima do processo de identificação com esses personagens, apreciando incondicionalmente as histórias contadas, os clientes foram se sentindo mais confortáveis e aceitos para falar mais livremente sobre suas próprias demandas.

A utilização de metáforas, imagens e identificação com personagens fictícios como ferramenta para a ACP, a partir desse estudo, aponta para uma forma diferente de manejar o processo terapêutico. Assentada nas condições facilitadoras, transforma as sessões em uma caminhada mais criativa e contextualizada, menos presa aos moldes da clínica regular. Utilizando-se de mídias que fazem parte do dia a dia do cliente, que falam muito sobre como ele se identifica, pode-se ajudá-lo a melhor se acostumar ao ambiente terapêutico.

Ressalta-se que a importância não está no “conhecer o personagem” sobre o qual o cliente fala, mas em aceitar e acolher o contato do cliente com tal personagem. Empaticamente, o terapeuta vai acompanhar a construção dos personagens pelo cliente, entendendo-os e contribuindo para a percepção que o cliente tem do personagem e de si mesmo. Dessa forma, a utilização da identificação com personagens fictícios como recurso terapêutico pode ajudar no manejo das condições facilitadoras, contribuindo para que o cliente as perceba – fator indispensável para o processo de transformação do ser.

Por fim, salienta-se a necessidade de mais estudos sobre as especificidades e delicadezas que observamos no contexto terapêutico - muito presentes, mas pouco registradas em nossa literatura acadêmica. No que tange à temática deste estudo, há muitas formas de identificações e diferentes formas de mídias que possam ser utilizadas como recursos, devendo haver mais e mais pesquisas sobre.

Referências

- Amatuzzi, M. M. (2019). *Por uma psicologia humana*. Campinas, SP: Alínea.
- Appel, M., & Richter, T. (2007). Persuasive effects of fictional narratives increase over time. *Media Psychology, 10*(1), 113–134. <https://doi.org/10.1080/15213260701301194>
- Bowen, M.C.V.B. (1987). Psicoterapia: O Processo, o Terapeuta e Aprendizagem. In M.C.V.B Bowen, C. Rogers & A. M. Santos (Orgs.). *Quando fala o coração*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bozarth, J. D. (2001). *Terapia Centrada na Pessoa: um paradigma revolucionário*. Lisboa: Editora da Universidade Autónoma de Lisboa.

- Brisola, E., Cury, V., & Davidson, L. (2017). Building comprehensive narratives from dialogical encounters: path in search of meanings. *Estud. psicol.* Campinas, 34(4), 467-475. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400003>
- Cohen, J. (2001). Defining Identification: A Theoretical Look at the Identification of Audiences With Media Characters. *Mass Communication and Society*, 4(3), 245-264 https://doi.org/10.1207/S15327825MCS0403_01
- Gondin, D., & Martins, S. (2008). A Busca de si através da construção de textos-sentidos – uma experiência formadora com alunos mestrados em psicologia. In E. B. Olinda & F. Cavalcante Junior (Orgs.), *Artes do existir: trajetórias de vida e formação*. Fortaleza: Edições UFC.
- Hall, S. (2001). Encoding/Decoding. In M.G Durham & D. M. Kellner (Orgs.). *Media and Cultural Studies: Keywords*. USA: Blackwell.
- Hall, S. (2006). *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Edições.
- Igartua, J. J. (2009). *Film involvement and narrative persuasion: The role of identification with the characters*. Chicago, USA: International Communication Association.
- N. Rogers. (2003). As artes expressivas centradas na pessoa: Um caminho alternativo no aconselhamento e na educação. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 5(2). Recuperado de <https://encontroacp.com.br/material/entrevistas/entrevistanatalierogers/>
- Oliver, M.B., Kim, J., & Sanders, M.B. (2011). Personality. In Bryant, j., & Vorderer, P. (Orgs.). *Psychology of Entertainment*. NJ, USA: Inc. Publishers.
- Perse, E., & Rubin, A. (1990). Chronic Loneliness and Television Use. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 34(1), 37-53. <https://doi.org/10.1080/08838159009386724>
- Ricoeur, P. (1982). Imaginação e metáfora. *Psychologie Médicale*, 14, 01-10. Recuperad de http://www.uc.pt/fluc/dfci/pdfs/programa_ricoeur.
- Rogers, C., & Kinget, G. M. (1997). *Psicoterapia e Relações Humanas*, Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1962).
- Rogers, C. (1983). *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU. (Original publicado em 1980).
- Rogers, C. (1987). Abordagem centrada no cliente ou abordagem centrada na Pessoa. In M.C.V.B Bowen, C. Rogers & A. M. Santos (Orgs.). *Quando fala o coração*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rogers, C. (1992). *Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1951).
- Rogers, C. (2009). *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1961).
- Rowling, J.K. (2000). *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rud, C. (2004). *Entre Metáforas y Caos*. Buenos Aires: Nueva Generación.
- Russell, C. A., Norman, A. T., & Heckler, S. E. (2004). People and “Their” Television Shows: An Overview of Television Connectedness. In L.J Shurm (Org.). *The psychology of entertainment media: blurring the lines between entertainment and persuasion* Mahwah, USA: Lawrence Erlbaum Associates Inc. Publishers.
- Russell, C., & Puto, C. (1999). Rethinking Television Audience Measures: An Exploration into the Construct of Audience Connectedness. *Marketing Letters*, 10(4), 393-407. <https://doi.org/10.1023/A:1008170406363>
- Vieira, E. M., Bezerra, E. N., Pinheiro, F. P. H. A., & Branco, P. C. C. (2018). Versão de sentido na supervisão clínica centrada na pessoa: alteridade, presença e relação terapêutica. *Revista Psicologia e Saúde*, 10(1), 63-76. <https://dx.doi.org/10.20435/pssa.v9i1.375>

Recebido: 06/02/2023 | Revisado: 25/06/20223
Aceito: 15/09/2023 | Publicado: 15/10/2023